

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA, I

DEFINIÇÕES, AXIOMAS 1-3, PROPOSIÇÕES 1-4 *

BENTO DE ESPINOSA

TRADUÇÃO DE HOMERO SANTIAGO **

DEFINIÇÕES

I. Pelo nome de *pensamento* tomo tudo o que está em nós e de que somos imediatamente cômicos.

Assim, todas as operações da vontade, do intelecto, da imaginação e dos sentidos são pensamentos. Mas acrescentei imediatamente para excluir o que é consequência delas; tal como o movimento voluntário de fato tem o pensamento por princípio, mas ele próprio, todavia, não é pensamento.

II. Pelo nome de *idéia* entendo aquela forma de qualquer pensamento por cuja percepção imediata sou cômico desse mesmo pensamento.

De tal forma que eu nada possa exprimir com palavras, entendendo o que digo, sem que por isso mesmo seja certo estar em mim a idéia do que é significado com aquelas palavras. E assim, não chamo de idéias as meras imagens pintadas na fantasia; ou melhor, de modo algum as chamo aqui de idéias enquanto estão na fantasia corpórea, isto é, pintadas em alguma parte do cérebro, mas apenas enquanto informam a própria mente voltada para aquela parte do cérebro.

III. Por *realidade objetiva da idéia* entendo a entidade da coisa representada pela idéia enquanto está na idéia.

E do mesmo modo pode-se dizer perfeição objetiva, ou artifício objetivo, etc.; pois tudo que percebemos como [estando] nos objetos das idéias, está objetivamente nas próprias idéias.

IV. Isso mesmo é dito estar *formalmente* nos objetos das idéias, quando está neles tal qual o percebemos; e *eminentemente*, quando não está de fato como tal, mas tão grande que possa fazer as vezes dele.

Nota que, quando digo que a causa contém eminentemente as perfeições de seu efeito, quero indicar que a causa contém as

perfeições do efeito de modo mais excelente que o próprio efeito. Vê também o ax. 8.¹

V. Toda coisa na qual está imediatamente, como em um sujeito, ou pela qual existe algo que percebemos, isto é, alguma propriedade ou qualidade ou atributo cuja idéia real está em nós, chama-se *substância*.

E com efeito não temos outra idéia da própria substância, precisamente tomada, senão que é uma coisa em que formal ou eminentemente existe o algo que percebemos, ou seja, que está objetivamente em alguma de nossas idéias.

VI. A substância em que o pensamento está imediatamente chama-se *mente*.

Falo aqui em mente de preferência a alma, porquanto o nome alma é equívoco e amiúde utilizado para coisa corpórea.

VII. A substância que é sujeito imediato da extensão e dos acidentes que pressupõem a extensão, como os da figura, da situação, do movimento local, etc., chama-se *corpo*. Já se é uma só e mesma substância que se chama de mente e de corpo ou se são duas diversas, caberá depois investigar.

VIII. A substância que entendemos ser por si sumamente perfeita, e na qual não concebemos absolutamente nada que envolva algum defeito ou limitação de perfeição, chama-se *Deus*.

IX. Quando dizemos que algo está contido na natureza ou conceito de alguma coisa, é o mesmo que se dissessemos que isso é verdadeiro dessa coisa ou dela pode ser verdadeiramente afirmado.

X. Duas substâncias são ditas distinguir-se realmente quando cada uma delas pode existir sem a outra.

Omitimos aqui os postulados de Descartes² porque na seqüência nada concluímos a partir deles; no entanto, rogamos seriamente aos leitores que os leiam até o fim e os considerem por uma atenta meditação.

* O texto latino que tomamos por base, e será oferecido ao leitor, é o da edição de Gebhardt (SPINOZA OPERA, Heidelberg, Carl Winters Universit tBuchhandlung, 1972, v. 1); corrigimos apenas duas evidentes falhas de impressão. Dentre as tradu es consultadas, gostaríamos de destacar duas que nos foram de particular ajuda: a de Atilano Domínguez (TRATADO DE LA REFORMA DEL ENTENDIMIENTO, PRINCIPIOS DE FILOSOFÍA DE DESCARTES, PENSAMENTOS METAF SICOS, Madri, Alianza, 1988) e de Emanuela Scribano (PRINCIPI DELLA FILOSOFIA DI CARTESIO. PENSIERI METAFISICI, Bari, Laterza, 1990).

** Professor do departamento de Filosofia da USP.

¹ Este axioma não está aqui traduzido, pois aparece são numa segunda rodada de axiomas. Vide infra, nota 6.

² Espinosa se refere aos postulados contidos nas RAZÕES GEOMÉTRICAS, texto cartesiano encontrado ao final das SEGUNDAS RESPOSTAS, de onde provêem, com ligeiras modifica es, as defini es aqui apresentadas.

AXIOMAS

I. Não alcançamos o conhecimento e a certeza de uma coisa ignorada senão pela certeza e conhecimento de outra, que lhe é anterior em certeza e conhecimento.

II. Dão-se razões que nos fazem duvidar da existência de nosso corpo.

Em realidade, isso foi mostrado no Prolegômeno e por isso é posto aqui como axioma.³

III. Caso tenhamos algo além da mente e do corpo, isso nos é menos conhecido que a mente e o corpo.

É de notar que estes axiomas nada afirmam sobre coisas fora de nós, mas apenas sobre o que constatamos em nós enquanto somos coisas pensantes.

PROPOSIÇÃO I

De coisa alguma podemos estar absolutamente certos enquanto não soubermos que existimos.

DEMONSTRAÇÃO

Esta proposição é patente por si, pois quem absolutamente não sabe que é, simultaneamente não sabe que está afirmando ou negando, isto é, que certamente ele afirma ou nega.

É de notar aqui que embora afirmemos ou neguemos muitas coisas com grande certeza, sem atentar ao fato de existirmos, todavia, a não ser que se pressuponha isso como indubitável, tudo poderia ser colocado em dúvida.

PROPOSIÇÃO II

Eu sou *deve ser conhecido por si.*

DEMONSTRAÇÃO

Se negas, então não virá a ser conhecido senão por outro, cujo conhecimento e certeza (pelo ax. 1) será em nós anterior a este enunciado: *eu sou*. Ora, isto é absurdo (pela prop. preced.); logo, deve ser conhecido por si; c. q. d.⁴

³ O leitor encontrará uma tradução deste Prolegômeno, de nossa lavra, em apêndice a Descartes, MEDITAÇÕES METAFÍSICAS, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

⁴ C. Q. D. (“como queríamos demonstrar”) é a fórmula utilizada para traduzir o latim Q. E. D. (*quod erat demonstrandum*, literalmente “o que era a demonstrar”).

PROPOSIÇÃO III

Eu sou, *enquanto eu é uma coisa que consta de corpo, não é o primeiro conhecido nem o é por si.*

DEMONSTRAÇÃO

Há certas [razões] que nos fazem duvidar da existência de nosso corpo (pelo ax. 2.); logo (pelo ax. 1), não alcançamos a certeza dele senão pelo conhecimento e pela certeza de outra coisa que lhe é anterior em conhecimento e certeza. Logo, este enunciado: *eu sou, enquanto eu é uma coisa que consta de corpo, não é o primeiro conhecido nem o é por si*; c. q. d.

PROPOSIÇÃO IV

Eu sou *não pode ser o primeiro conhecido senão enquanto pensamos.*

DEMONSTRAÇÃO

Este enunciado: *eu sou uma coisa corpórea ou que consta de corpo, não é o primeiro conhecido* (pela prop. preced.); e tampouco estou certo de minha existência enquanto consto de outra coisa além da mente e do corpo, pois se constamos de alguma outra coisa diversa da mente e do corpo, ela nos é menos conhecida que o corpo (pelo ax. 3); portanto, *eu sou não pode ser o primeiro conhecido senão enquanto pensamos*; c. q. d.

COROLÁRIO

Daí é patente que a mente, ou seja, a coisa pensante, é mais conhecida que o corpo.

Para uma explicação mais abundante, porém, leiam-se os art. 11 e 12 da parte I dos Princípios.⁵

ESCÓLIO

Cada um percebe certissimamente que afirma, nega, duvida, entende, imagina, etc., ou seja, que existe duvidando, entendendo, afirmando, etc., ou, numa palavra, *pensando*; e não pode colocar isso em dúvida. Pelo que este enunciado: *penso, ou seja, sou pensante*, é o único (pela prop. 1) e certíssimo fundamento de toda a filosofia. E como nas ciências, para estarmos certíssimos das coisas, nada mais pode ser buscado nem desejado senão deduzir tudo a partir de princípios firmíssimos e torná-los tão claros e distintos quanto os princípios a partir de que são deduzidos, segue-se claramente que cabe ter por verdadeiríssimo tudo que

⁵ Observe-se que a remissão é aos PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA, obra de Descartes.

nos é tão evidente e que percebemos tão clara e distintamente quanto nosso princípio já descoberto, e tudo que de tal forma convém com esse princípio e de tal forma depende desse princípio que, caso queiramos duvidar disso, também desse princípio caberá duvidar. Porém, para proceder quão cautelosamente possível no recenseamento dessas coisas, de início admitirei por tão evidente e por tão clara e distintamente percebido por nós apenas o que cada um observa em si, enquanto pensante. Como, por ex., que quer isso ou aquilo, que tem tais idéias certas e que uma idéia contém em si mais realidade e perfeição que outra, quer dizer, aquela que contém objetivamente o ser e a perfeição da substância é de longe mais perfeita que aquela que contém apenas a perfeição objetiva de algum acidente; aquela, enfim, do ente sumamente perfeito é a mais perfeita de todas. Tais coisas, repito, percebemos não apenas tão evidente e tão claramente, mas talvez até mais distintamente; pois não apenas afirmam que nós pensamos, mas também de que modo pensamos. Continuando, também diremos que convém com esse princípio aquilo que não pode ser colocado em dúvida a não ser que simultaneamente seja colocado em dúvida nosso fundamento inconcusso. Como, por ex., caso alguém queira duvidar se algo se faz a partir do nada, poderá simultaneamente duvidar se nós, enquanto pensamos, somos; pois se posso afirmar algo do nada, a saber, que pode ser causa de alguma coisa, poderei simultaneamente com o mesmo direito afirmar a partir do nada o pensamento e dizer que não sou nada enquanto penso. E como isso me é impossível, também me será impossível pensar que algo se faça a partir do nada. Considerado isso, decidi pôr aqui diante dos olhos com ordem as coisas que presentemente nos parecem necessárias para que possamos passar adiante e acrescentá-las ao número de axiomas, visto que são propostas como axiomas por Descartes ao fim das RESPOSTAS ÀS SEGUNDAS OBJEÇÕES, e não quero ser mais cuidadoso que ele. Contudo, para não me afastar da ordem já começada, esforçar-me-ei em de alguma forma tornar essas coisas mais claras e mostrar de que modo uma depende da outra e todas dependem deste princípio: *eu sou pensante*, ou com ele convém por evidência e razão.⁶



⁶ Na seqüência, Espinosa proporá mais 8 axiomas tomados diretamente ao texto cartesiano das RAZÕES GEOMÉTRICAS, imprimindo-lhes porém uma nova ordenação.